

A cidade de Natal (RN - Brasil) como corpo planejado: o Plano Geral de Sistematização e o urbanismo natalense no final da década de 1920

Gabriela Fernandes de Siqueira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal – Rio Grande do Norte – Brasil
gabiferlande_s@hotmail.com

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar o Plano Geral de Sistematização de Natal (1929-1930), elaborado durante a administração do prefeito Omar O'Grady. Pretende-se investigar os padrões de planejamento urbano presentes em Natal na década de 1920, além de examinar a relação entre os ideais de circulação e zoneamento que embasavam esse planejamento e a concepção do funcionamento do corpo humano vigente nesse período. Para tanto, as discussões presentes em Natal na década de 1920 serão aproximadas das discussões de Richard Sennett (1997) em sua obra *Carne e Pedra*. Por meio do diálogo com Sennett será possível refletir como o Plano de Sistematização representou uma tentativa de planejar o crescimento e a ocupação de Natal, pensando-a enquanto corpo planejado, saudável e livre de obstáculos.

Palavras-chave: Plano Geral de Sistematização; Natal; corpo.

INTRODUÇÃO

Assim, na Ribeira, deve ficar localizada toda a vida comercial da cidade e a sua parte alta, com os bairros de Petrópolis e Tyrol, pode-se destinar para o *corpo* de habitação [...]. Na Ribeira [...] o principal aspecto a ser encarado pela Prefeitura deve ser o tráfego bem como a uniformização das ruas, que devem ser adaptadas às exigências do *movimento* comercial. [...] Assim, pela actual avenida Sachet ou por outra *artéria larga* que será talvez aberta, deverá se fazer futuramente o tráfego através da Ribeira, *livre*, então, de qualquer congestionamento (grifos nossos).¹

1. A REMODELAÇÃO de Natal. *A Republica*, Natal, 24 fev. 1929. p. 1.

O fragmento citado foi retirado da entrevista concedida pelo engenheiro e arquiteto Giacomo Palumbo ao jornal *A República* – órgão oficial do Partido Republicano Federal do Rio Grande do Norte – em fevereiro de 1929. Palumbo, arquiteto formado na *École de Beaux-Arts* em Paris, foi contratado durante a segunda gestão do prefeito Omar O'Grady (1929-1930) e do governador Juvenal Lamartine (1928-1930) para elaborar um plano urbanístico para a cidade de Natal (RN), que foi denominado Plano Geral de Sistematização de Natal. Pelo fragmento citado, pode-se observar que o plano tinha uma preocupação de zonear a cidade, dividindo os bairros de acordo com determinadas funções. Outro quesito que deveria ser levado em consideração para o planejamento da cidade era a livre circulação. O tráfego de indivíduos e transportes deveria ser “livre” de qualquer congestionamento. Para tanto, fazia-se necessário a construção de “artérias” que propiciassem o movimento livre de obstáculos.

O Plano Geral de Sistematização de Natal foi elaborado no final da década de 1920, quando Natal passava por uma nova fase de transformação urbana, caracterizada pela intensificação e sistematização das ações reformadoras. A análise desse plano e da racionalidade em que este foi produzido torna-se essencial para entender as discussões entre técnicos, intelectuais e dirigentes da cidade durante a primeira metade do século XX. Apesar do plano não ter sido implementado na íntegra, demonstrou os ideais do período, a vontade das elites natalenses de modernizar a cidade, traduzindo padrões em voga na Europa e nos Estados Unidos; reformando aquela cidade que chegava ao século XX com ares ainda provincianos, segundo as matérias publicadas no *A República*. O Plano de Sistematização de Natal demonstrava esses ideais, tencionava esquadrihar a cidade, dividi-la em zonas, assim como traduzia diversos aspectos usuais em planos também elaborados em outras cidades do Brasil no século XX.

No trecho citado da entrevista também se observa a utilização de termos como “corpo” e “artérias”, que fazem alusão ao corpo humano. O vocabulário do urbanismo, ciência que surgiu como disciplina no século XIX e só foi institucionalizada no século XX, esteve sempre permeado por palavras do campo da Biologia e da Medicina (CORREA, GUNN, 2001). Para entender a aplicação dessas metáforas nas fontes trabalhadas

e analisar como a compreensão do funcionamento do corpo humano, difundida pelo discurso médico, interferiu na elaboração do planejamento urbanístico de Natal na década de 1920, faz-se essencial a aproximação com o trabalho de Richard Sennett² intitulado *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Nesse trabalho, Sennett (1997) analisou como as concepções de corpo de determinadas sociedades ocidentais interferiram na organização de suas cidades, e como a organização urbana da sociedade moderna representou o triunfo do individualismo e da passividade.

O objetivo deste artigo é, pois, analisar o Plano Geral de Sistematização de Natal, investigando os padrões de planejamento urbano presentes em Natal na década de 1920, além de examinar a relação entre os ideais de circulação e movimento livre, que embasavam esse planejamento, e a concepção do funcionamento do corpo humano vigente nesse período. Nessa investigação, tentar-se-á responder as seguintes questões: Qual a importância de entender a concepção de corpo para compreender o planejamento da cidade? O Plano de Sistematização representava uma nova fase do urbanismo implantado em Natal? Qual a relação do Plano de Sistematização de Natal com outros planos existentes na transição do século XIX para o século XX? Para investigar os questionamentos propostos foram utilizados como fontes matérias do jornal *A República* durante a década de 1920; relatórios da administração municipal (1927,1928,1929); e a entrevista realizada com Giacomo Palumbo em 1929.

A SAÚDE DA CIDADE

Muitos cronistas, jornalistas e intelectuais que vivenciaram a década de 1920 em Natal caracterizavam-na como um momento intenso de mudanças, como sendo o período de concretização de uma nova

2. Sennett pode ser considerado uma referência para os estudos urbanos. Tal autor teve um papel fundamental na consolidação da denominada *New Urban History*, que teve como evento de fundação a *Conferência Nineteenth Century Industrial City*, nos Estados Unidos em 1968, organizada por ele e Thernstrom. Ver: SILVA, Luís Octávio da. História urbana: uma revisão da literatura epistemológica em inglês. *EURE (Santiago)*-Revista latino-americana de estudios urbano regionales, Santiago, v. XXVIII, n.83, 2002. p.38.

cidade, de uma outra cidade.³ Esses discursos apontavam que a cidade estava se modernizando com uma “elegância singular”.⁴

Na década de 1920 a aviação teve maior desenvolvimento em Natal. O número de automóveis aumentou e ocorreram melhorias na área de educação. Foi também nesse período que a população da cidade passou de 16.056 habitantes, número registrado em 1900, para 30.696 moradores (LIMA, 2001, p. 47). O aumento populacional e o desenvolvimento nos setores de infraestrutura permitiram que a cidade adquirisse essa nova forma, privilegiando reformas que preconizavam a livre circulação, como a construção de largas avenidas e a arborização e ampliação de praças, respeitando as teorias médicas em vigência no período. Assim como para manter a boa saúde do organismo era preciso uma circulação sanguínea e uma respiração pulmonar livres de obstáculos, para a boa saúde da cidade, a liberdade de ir e vir deveria ser garantida.

A metáfora do corpo vigorou durante muito tempo em enfoques de planejadores e historiadores da cidade (ARRAIS, 2008, p. 13), mais do que simples metáforas, as concepções de corpo das sociedades guiaram a forma como essas cidades foram organizadas, e, conseqüentemente, a forma como esses espaços foram projetados também interferiram nas relações entre os sujeitos nas cidades. O sociólogo e historiador Richard Sennett problematizou essa relação entre concepção de corpo e organização da cidade no livro *Carne e Pedra*.⁵ Sennett partiu de questões que lhe afligiam na contemporaneidade e, transformando essas questões em problema histórico, investigou-o em algumas civilizações ocidentais em períodos específicos, perpassando da Atenas de Péricles até a Nova York multicultural do século XX.

3. Pode-se observar essa ideia de uma nova cidade que emergia na década de 1920 em matérias como: CASCUDO, Luis da Câmara. Natal, outra cidade. *Cigarra*, Natal, ano II, n.5, 1929.p.15; sobre essa discussão ver ainda: SANTOS, Renato Marinho Brandão. Novos Rumos: reformulações no poder municipal para a criação de uma outra cidade. In:_____. *O papel da Intendência municipal no desenvolvimento de uma nova ordem urbana (1904-1929)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.

4. Urbanismo natalense. *Cigarra*, Natal, ano II, n.5, 1930.

5. Outra noção interessante sobre a relação entre corpo humano e construção de espaços pode ser vista em: YI- FU Tuan. Corpo, relações pessoais e valores espaciais. In:_____. *Espaço e Lugar*. São Paulo: Difel, 1983. Tuan trabalhou como valores espaciais são construídos a partir da postura e estrutura do corpo humano e de relações sociais.

Como judeu e filho de migrantes que cresceu em um bairro pobre de Chicago, Sennett (1997) experenciou vários dos problemas que observou no século XX. Para o autor, as sociedades modernas são marcadas pela indiferença, por indivíduos que não possuem compaixão, que são insensíveis em relação ao próximo, que são plurais, mas que não vivem e nem respeitam essa pluralidade, culminando com a desvalorização da cultura cívica.⁶ Esse individualismo estava presente na forma como a cidade era organizada. Intrigado com esses problemas, Sennett investigou sociedades ocidentais em momentos de transição para tentar perceber como se dava essa relação entre os indivíduos e a cidade, como as questões corporais eram expressas no urbanismo, na arquitetura e na vida cotidiana, e qual teria sido a gênese desse individualismo e dessa organização do espaço de modo a provocar a falta de compaixão e a passividade.

Na terceira parte do livro de Sennett, intitulada *Artérias e veias*, é a parte mais aproximada às discussões urbanísticas presentes em Natal, que culminaram na elaboração do Plano Geral de Sistematização. Nessa parte da obra, Sennett apontou a mudança no discurso médico, que no século XVIII rompia com a ideia de fisiologia corporal presente desde a Atenas de Péricles e que foi propagada pela difusão da obra de Galeno.

Foi em 1628 que William Harvey publicou a obra *De motu cordis*⁷, questionando os princípios relativos ao calor do corpo. A análise de Harvey, presente na obra de Sennett, demonstra que ele inaugurou, então, uma revolução científica que mudou a compreensão do corpo humano, agora entendido a partir da circulação sanguínea. Harvey descobriu que o coração bombeava o sangue por meio das artérias do corpo, recebendo-o das veias. Para garantir o bom funcionamento do organismo, o movimento sanguíneo deveria ser livre de obstáculos. Essa

6. O conceito de cidadania de Sennett, concebido como atuação em prol de uma coletividade, foi influenciado pelas concepções de Hannah Arendt. Para Arendt, o isolamento tem como característica a impotência, homens isolados são impotentes, a força sempre surge quando os homens trabalham em conjunto. Ver: ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.526.

7. HARVEY, William. *De motu cordis*, Frankfurt, 1628 *apud* SENNETT, Richard. Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997. Cap. VIII "Corpos em movimento – a revolução de Harvey" (p. 213-234).

nova concepção proporcionou novas formas de lidar com o urbano e de pensar e organizar as cidades⁸, que passaram a privilegiar o movimento.

Segundo Sennett, essa nova compreensão surgiu no momento em que o individualismo triunfava nas sociedades, como consequência do desenvolvimento do capitalismo moderno. O autor observou, desde a Paris medieval, como o tempo e o espaço econômico, caracterizados pela instabilidade e agressividade, entravam em contradição com o lugar e o tempo cristão, da estabilidade e da compaixão. Esse individualismo também foi trabalhado por Sennett no contexto da Veneza da Renascença, que em determinada racionalidade de decadência econômica e militar, passou a excluir “os outros”, sobretudo os judeus, que foram considerados culpados pelas perdas materiais da cidade e isolados em guetos. Para Sennett, Veneza teria inaugurado uma forma de organizar a cidade que estará presente nas cidades modernas: a ideia de segregação, de separar os diferentes.

As descobertas médicas a respeito da circulação do sangue e da respiração impulsionaram novas ideias sobre saúde pública que começaram a ser aplicadas aos centros urbanos no século XVIII. Os planos passaram a dar mais ênfase a tudo que impulsionasse a liberdade de trânsito de pessoas e seu consumo de oxigênio, pensando na cidade, nas suas ruas e avenidas como artérias e veias contínuas, que transportavam os habitantes assim como as artérias e veias transportavam as hemácias no corpo humano. Esses projetos afloraram na Londres do século XIX, com a construção da Regent's Park e da Regent Street⁹ e do metrô londrino. A reconstrução das ruas parisienses pelo barão Haussman, em meados do século XIX, também foi um dos projetos apontados por Sennett como marcantes nessa nova forma de pensar o urbano.

8. A influência da descoberta de Harvey no planejamento urbano e na topografia da cidade é mencionada por vários trabalhos como: CORREA, Telma de Barros; GUNN, Philip. Op. cit., p.230; FERREIRA, Ângela Lúcia; et al. Dos tratados médicos à engenharia sanitária: o princípio higienista. In:_____. *Uma cidade sã e bela: a trajetória do saneamento de Natal, 1850 a 1969*. Natal:IAB/CREA/RN, 2008. p.40. O intelectual natalense Henrique Castriciano também publicou um artigo sobre a influência dessas teorias orgânicas: CASTRICIANO, Henrique. Teoria organica da sociedade. In: José Geraldo de Albuquerque (Org). *Seletas: textos e poesia*.Natal, 1994. p. 164-171.

9. Sobre esse projeto ver: GIEDION, Sigfried. O planejamento urbano no século XX. In:_____. Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.p. 756-761.

A reestruturação de Nova York pensada por Robert Moses¹⁰, cidade que seria o exemplo maior desses novos problemas urbanos, também exemplificava projetos preocupados com a circulação e que provocavam cada vez mais a insensibilidade dos sujeitos em relação aos espaços e aos indivíduos. Além desses projetos, alguns desenvolvimentos técnicos foram cruciais para criar essa nova paisagem urbana saudável e planejada: desenvolvimento da calefação central; aprimoramento de materiais isolantes e flexíveis; desenvolvimento da luz elétrica; invenção do elevador, entre outros.

Entre 1900 e 1940 muitas cidades do Brasil e de outros países da América Latina foram objetos de intervenções, de projeto e de planos de renovação urbana, que sofreram influência dos planejamentos ocorridos na Europa e nos Estados Unidos. Entretanto, esses modelos não foram simplesmente importados na íntegra, passaram por um processo de tradução, ou seja, um processo de remodelagem, “as teorias e modelos importados tiveram funções cognoscíveis da realidade e, ao mesmo tempo, legitimadora dos atores e das suas escolhas históricas” (RIBEIRO, 1996, p. 18).

Para entender como esse processo de tradução esteve presente no processo de elaboração do Plano Geral de Sistematização de Natal no final da década de 1920, faz-se necessário um breve resumo sobre as etapas do processo de modernização de Natal. Segundo as discussões de Raymundo Faoro (1992), existe uma diferença entre os conceitos de modernização e modernidade. Para o autor, a modernidade compromete em seu processo toda a sociedade, ampliando os papéis de todas as esferas sociais. Já a modernização é dirigida por um grupo condutor, que privilegia os setores dominantes, “procura moldar, sobre o país, pela ideologia ou pela coação, uma certa política de mudança” (FAORO, 1992, p. 8). Dessa maneira, para o autor, o que se verificou no Brasil foram ímpetus de modernização, mudanças que foram implementadas segundo o desejo de uma elite. Para a análise da racionalidade natalense no período estudado, o conceito de modernização é o mais adequado, uma vez que se observou em Natal a importância das elites no processo que conduziu as remodelações

10. Para mais informações sobre a remodelação de Moses ver: BERMAN, Marshall. Na floresta dos símbolos: algumas notas sobre o modernismo em Nova York. In:..... *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

urbanas. Além disso, como as fontes utilizadas foram fontes produzidas pela elite, não se tem condições, até o presente momento, de analisar o impacto desses projetos em toda a sociedade, já que fontes sobre como as pessoas das camadas populares pensavam e agiam sobre essas mudanças não foram encontradas.

CONSOLIDANDO A MODERNIZAÇÃO DE NATAL

Natal passou por três momentos-chaves de intervenções que caracterizaram a preocupação com a modernização da cidade e demonstraram a influência do pensamento médico e, consequentemente, da ideia de corpo na organização da urbe.¹¹ O primeiro momento ocorreu a partir de meados do século XIX (1850-1899) e foi marcado pela perspectiva higienista e por reformas pontuais na cidade. Nesse período, tem-se a propagação de várias epidemias e a elevação dos índices de mortalidade entre a população local, evidenciando a necessidade de uma intervenção para sanar esses problemas.

A teoria miasmática, segundo a qual tudo que estivesse parado geraria vapores que disseminados provocariam doenças, influenciou o pensamento médico desse período. Observa-se como as concepções de Harvey, conforme análise de Sennett citada anteriormente, também estavam presentes nas preocupações dos reformadores natalenses: a circulação era a palavra de ordem entre médicos e sanitaristas, a água era fundamental para fazer circular os dejetos, sendo necessário, pois, a construção de redes de abastecimento de água e esgoto.

Marcam esse período, portanto, construções pontuais para evitar a propagação de doenças e para afastar do centro da cidade os equipamentos insalubres. Tem-se então a construção do Cemitério público do Alecrim, em 1856, a criação do Hospital da Caridade em 1855, a inauguração do Lazareto da Piedade em 1882, a criação da Inspetoria de Higiene Pública também em 1892 e obras de drenagem e aterro no bairro da Ribeira.

11. Esses momentos aqui abordados partiram da caracterização elaborada pelo estudo dos membros do grupo HCURB do Departamento de Arquitetura da UFRN. Ver FERREIRA, Ângela Lúcia; et al. Op. cit. Para a identificação de outras mudanças nos períodos destacados ver: LIMA, Pedro de. *Natal século XX: do urbanismo ao planejamento urbano*. Natal: EDUFRN, 2001 e Anexo I.

O segundo momento de intervenções na cidade compreende o período de 1900-1919, caracterizado pela implantação de projetos de reformas nos espaços públicos e pela ocupação de novas áreas fora do núcleo central. Com o advento da República, as mudanças passaram a ser mais incentivadas¹², além da construção do terceiro bairro oficial da cidade (Cidade Nova) em 1901, encontram-se modificações de nomes de ruas, reformas de calçadas e muros, melhoria no sistema de iluminação, transporte e comunicação, construção de um teatro na cidade, introdução da energia elétrica e do bonde, entre outras transformações que aproximavam Natal da modernização que estava sendo operada em diversas capitais brasileiras e em centros europeus e estadunidenses. Tentava-se modernizar a cidade e afastá-la das características provincianas que ainda estavam presentes na sua configuração espacial. Nos periódicos que circulavam pela cidade essas reformas eram divulgadas e exaltadas.¹³

A construção do bairro Cidade Nova foi uma das principais realizações desse período, a planta do novo bairro foi inicialmente elaborada pelo topógrafo natalense Manuel Gondim.¹⁴ Só a partir de 1904 o agrimensor italiano Antonio Polidrelli teria passado a ser identificado como autor do Plano da Cidade Nova.¹⁵ O bairro era destinado para a moradia e sociabilidade das elites¹⁶, apresentando uma estrutura urbana que não se articulava com a parte antiga da cidade, marcando a

12. Com o regime republicano os estados adquiriram maior autonomia na contratação de empréstimos externos. Essa nova racionalidade permitiu que, em 1910, o governo do Rio Grande do Norte realizasse empréstimo com a França, que foi utilizado para implementar diversas reformas na cidade. O empréstimo foi autorizado pela Lei n.270 de 18 de novembro de 1909 e seria pago durante 37 anos, ver: *Mensagem*, 1910. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u729/000034.html>>. Acesso em: 02/07/2012.

13. São exemplos de matérias que exaltam essas novas preocupações: LIMPEZA das ruas. Deve e haver. *A Republica*, Natal, 04 abr. 1902; INSPECTORIA de higiene. *A Republica*, Natal, 16 dez. 1902, entre outras. Algumas matérias anunciavam a tentativa de aproximar Natal da Europa e dos Estados Unidos, por meio de notícias que comentavam determinados acontecimentos desses considerados "centros de civilização": O QUE VAI pelo mundo. *A Republica*, Natal, 05 jan. 1905. p. 2; CARTAS de Paris. *A Republica*, Natal, 21 jan. 1905. p. 1; LOROTA; Th. Notícias e comentários. *A Republica*, Natal, 21 jan. 1905. p. 2; TELEGRAMAS especiais. *A Republica*, Natal, 23 fev. 1905. p. 1; RETALHOS. *A Republica*, Natal, 14 mar. 1905. p. 2; O COMMERCIO de Liverpool. *A Republica*, Natal, 22 mar. 1905. p. 2; entre outras.

14. VALIOSA offerta. *A Republica*, Natal, 01 fev. 1902. p. 1.

15. A partir de 1904 Polidrelli modificou o plano original do novo bairro, ampliando-o, propondo avenidas mais largas. Ver: LIMA, Pedro de. Op. cit., p.32.

16. A CIDADE Nova. *A Republica*, Natal, 07 jan. 1902. p. 1.

consolidação de um processo de crescimento que tinha na segregação sócio espacial um elemento estrutural. Nota-se, pois, uma característica que Sennett apontou como sendo própria das sociedades modernas: a segregação espacial. Assim como na Veneza da Renascença, como na Londres da era eduardiana e na Nova York multicultural, Natal começava o século XX com um planejamento que segregava espacialmente. Os mais abastados morariam no bairro aprazível e salubre, enquanto as camadas populares seriam relegadas às regiões periféricas, que ainda possuíam características do período colonial.¹⁷

A partir de 1913 as reformas que ocorriam na cidade ficaram cada vez mais pontuais. Os serviços de transporte e iluminação eram alvos de críticas constantes, instaurando uma “crise urbana” que começou a ser superada na década de 1920¹⁸. Foi na terceira fase (1920-1930) que as reformas na cidade deixaram de ser pontuais e foram sistematizadas de uma forma preventiva e técnica. A publicação do médico e Inspetor de Saúde Pública do Porto de Natal, Januário Cicco, intitulada *Como se higienizaria Natal*, marcou esse período e propôs soluções para o andamento da modernização e para as reclamações constantes acerca dos problemas urbanos existentes na cidade.

Nota-se mais uma vez a importância do pensamento médico influenciando o processo de remodelação das cidades. Topografias médicas, como a de Cicco para Natal, foram elaboradas em várias cidades brasileiras, propondo modificações do espaço em função de pesquisas realizadas pelos médicos (EDUARDO, FERREIRA, 2006). A criação da Comissão de Saneamento de Natal em 1924 e a realização de estudos topográficos evidenciavam a preocupação científica que marcou as intervenções da década de 1920.

Nesse período tem-se a implantação de uma legislação sanitária mais eficaz, a contratação de empresas privadas para projetar e executar

17. Segundo o pesquisador Pedro de Lima, o termo *master-plan* foi utilizado por Câmara Cascudo em uma crônica publicada em 1946 para se referir ao plano de criação de Cidade Nova. Para Lima, esse termo seria anacrônico. O plano de Cidade Nova não poderia ser caracterizado como um plano diretor ou um plano de urbanismo, pois se limitava a ser um plano de parcelamento do solo, com uma trama regular e sem preocupação estética ou funcional. Ver: LIMA, Pedro de. Op. cit., p.32.

18. Para um melhor entendimento dessa ideia de crise urbana ver: DANTAS, George. Surge et ambula: “crise” urbana em Natal na virada para a década de 1920. In:_____. *Linhas convulsas e tortuosas retificações: transformações urbanas em natal nos anos 1920*. Dissertação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP. São Carlos/SP, 2003.

obras de infraestrutura, além da elaboração de dois planos urbanísticos: o Plano Geral de Obras de Saneamento de Natal, elaborado em 1924 pela equipe coordenada pelo engenheiro Henrique de Novais, e o Plano Geral de Sistematização de Natal, elaborado entre 1929-1930 pelo arquiteto Giacomo Palumbo. Esses planos representaram a síntese das medidas realizadas nessa década, a reestruturação do espaço físico da cidade e a interferência de engenheiros no planejamento de Natal.

PLANEJANDO EM CIDADES BRASILEIRAS: O CASO CARIOCA

Ainda no início do século XX algumas cidades brasileiras passaram por processos de mudanças e ações de modernização que anunciavam a preocupação de aproximar essas cidades de planejamentos já existentes em cidades europeias e norte-americanas. O Rio de Janeiro, durante a administração do prefeito e engenheiro Pereira Passos (1902-1906), sofreu diversas transformações, sendo alvo de uma política higienista que foi marcante para estimular mudanças em várias cidades brasileiras.

A intervenção de Passos no Rio de Janeiro também pode exemplificar o que Sennett (1997) apontou como sendo características essenciais das sociedades modernas: a segregação espacial e a insensibilidade em relação ao outro. O Rio de Janeiro foi transformado, construiu-se a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), inspirada na abertura de largas avenidas idealizadas pelo prefeito do Sena, Eugène Haussmann, que conduziu a remodelação urbana de Paris em meados do séc. XIX, que deixou de ter características medievais e barrocas e passou a ser o símbolo da metrópole moderna .

A reforma de Passos tencionava remodelar a cidade, privilegiar a circulação e o embelezamento, colocando em prática a concepção da fisiologia corporal do período. Para a concretização dessa reforma, vários prédios foram demolidos, como as habitações coletivas que abrigavam a população menos abastada, fazendo com que essa população se deslocasse e passasse a ocupar os morros da área central da cidade, constituindo favelas (SANTANA, 2009).

Passos também deu prosseguimento a uma campanha de vacinação obrigatória, as medidas de salubridade e higiene eram instauradas, mas feria-se a liberdade de cada sujeito. Os mais pobres eram segregados a espaços periféricos e sem assistência sanitária; a cidade modernizava-

-se, a fluidez da circulação era a prioridade, mas a mesma velocidade que proporcionaria o funcionamento adequado da cidade, provocava a insensibilidade em relação a esse outro, que tinha sua casa demolida, que era obrigado a retirar-se dos espaços centrais da cidade e reconstruir sua vida no subúrbio (SANTANA, 2009). A individualidade e a insensibilidade em relação ao outro triunfava na cidade planejada, o movimento tornava o sujeito passivo, como Sennett discorreu em sua obra.

Entre 1927 e 1930 outro planejamento urbano foi elaborado para o Rio de Janeiro, dessa vez pelo arquiteto francês Donal Alfred Agache, personagem essencial no movimento de institucionalização do urbanismo francês e formado pela Escola de Belas Artes em Paris. Esse projeto propunha a abertura, a arborização e a remodelação de grandes avenidas no Rio de Janeiro. As propostas de Agache tiveram repercussão em Natal. Em matéria publicada no jornal oficial em abril de 1929¹⁹, Otacílio Alecrim criticou o que chamou de “urbanite aguda”, que teria se instalado no país desde que o professor Agache foi contratado para elaborar um plano para o Rio de Janeiro. O autor criticou o “nosso agachamento em coisas do urbanismo” e enfatizou que a ideia de chamar Agache para remodelar o Rio foi acertada, mas mais acertada ainda foi a condição imposta de que profissionais brasileiros revisassem o projeto, assegurando que as adaptações para a realidade local e para a manutenção dos fundamentos históricos da cidade seriam realizadas.

A matéria de Otacílio Alecrim foi publicada em um contexto específico, quando Natal também estava sendo alvo de um plano de sistematização. O prefeito Omar O’Grady firmou contrato, em 22 de abril de 1929²⁰, com o arquiteto greco-italiano Giacomo Palumbo, para elaborar um plano de sistematização para a cidade. Em seu relatório apresentado em 1930, sobre a gestão de 1929, O’Grady destacou que o Plano de Sistematização tinha sido inspirado nos exemplos de planos de cidades de “outros países cultos”²¹, como os Estados Unidos, que possuíam um *mater-plan* para quase todas as suas cidades.

19. ALECRYM, Otacílio. Retrato das cidades I. *A Republica*, Natal, 27 abr. 1929. p. 1.

20. A cópia do contrato firmada entre a Prefeitura e Palumbo pode ser lida em MIRANDA, João Maurício F. de. *380 anos de história foto-gráfica de Natal, 1599-1979*. Natal: EDUFRN, 1981.

21. O’GRADY, Omar. Relatório apresentado à Intendência municipal de Natal, em 30 de janeiro de 1930. Natal: Imprensa Oficial, 1930.

O projeto desenvolvido durante a administração de Prado Junior no Rio de Janeiro (1926-1930) também foi mencionado pelo prefeito como exemplo de projeto que demonstrou a importância de pensar os problemas urbanísticos do ponto de vista geral, planejando toda a cidade e não apenas uma pequena parte. A cidade era pensada como organismo vivo e todos os órgãos-partes da cidade- deveriam funcionar em conjunto. A administração de Henrique de Novaes, em Vitória, foi elucidada como projeto inteligente de sistematização que, ao contrário do que acontecia em Natal, recebia apoio financeiro da esfera estadual.

No referido relatório, O'Grady enfatizou ainda que o plano a ser elaborado, previsto para uma cidade de até cem mil habitantes, não seria aplicado de forma imediata. A aplicação prática demandaria tempo e continuidade administrativa, que, segundo o prefeito, naquele período quase não existia. Nota-se, pois, preocupações com o esquadrinhamento e o planejamento da cidade, próprias em projetos urbanísticos de várias cidades europeias e estadunidenses a partir do século XIX, como apontou Sennett em suas discussões.

No texto do relatório, O'Grady ainda rebateu o que considerava ser uma das críticas mais inteligentes e oportunas que o plano de 1929 recebia: a preocupação com o aproveitamento dos alinhamentos já existentes na cidade. Assim como Otacílio Alecrim, o prefeito acreditava que esse aproveitamento das características locais era positivo e não estaria prejudicando os pontos fundamentais do plano. Observa-se que a remodelação de Natal, ao contrário da remodelação de Nova York projetada por Robert Moses entre 1920 e 1930, respeitaria a malha urbana já existente, reformando-a, enquanto Moses acreditava não ter nenhuma obrigação de respeitar, manter ou melhorar o que já existia na cidade antes de sua intervenção (SENNET, 1997, p. 292).

A Natal idealizada e projetada pela administração de O'Grady, juntamente com o arquiteto Palumbo, estaria, segundo os relatórios, bem próxima de cidades planejadas nos então considerados centros de civilização, mas essa Natal não seria uma mera cópia desses centros. Questões seriam traduzidas, adaptadas à realidade local, até porque o orçamento dessa administração não era o mesmo do prefeito Haussmann, quando da remodelação de Paris no século XIX. O'Grady nem ao menos contava com o auxílio financeiro do governo estadual. A preocupação de

aproveitar as características já existentes na cidade também significava corte de custos, que era essencial para a concretização do plano. Esses problemas foram elucidados pelo prefeito ao longo do relatório de sua administração de 1929, que foi lido em 29 de janeiro de 1930, em uma reunião solene do Conselho Municipal.²²

UMA GESTÃO, UM ARQUITETO, UM PLANO DE CIDADE

O relatório apresentado por O'Grady em 1930 era minucioso, formado por 50 páginas que continham todo o movimento de receita e despesa realizado no ano de 1929. Relatórios minuciosos, detalhados, contendo gráficos, tabelas e imagens foram uma característica do prefeito O'Grady em suas duas gestões a frente da municipalidade natalense. Durante sua gestão, o prefeito reformulou a estrutura da então Intendência Municipal, racionalizando-a, tornando-a mais eficiente, empregando profissionais especializados e criando um regulamento geral para os departamentos. O pesquisador Renato Marinho analisou a administração de O'Grady como inauguradora de uma nova forma de gerir a cidade, que seria fruto de sua formação como engenheiro.²³ A cidade deveria ser pensada como um organismo funcional, cada parte realizando bem a sua função contribuiria para o bom funcionamento da cidade.

Formado em Engenharia Civil pelo *Armour Institute of Technology* – AIT,²⁴ a maior preocupação do prefeito consistiu em solucionar o problema da pavimentação das ruas.²⁵ O' Grady tinha a preocupação em assegurar a liberdade de deslocamento na cidade e a padronização e espaçamento na construção de habitações, transformando as ruas sinuosas e a falta de padronização que aproximavam a cidade ainda dos padrões

22. O DR. OMAR O'Grady, prefeito da cidade, leu ontem o seu relatório. *A Republica*, Natal, 30 abr. 1930.

23. O pesquisador Renato Marinho concebeu essas mudanças como sendo fruto da criação de um regime burocrático. Para caracterização mais aprofundada das gestões de O'Grady ver: SANTOS, Renato Marinho Brandão. Op. Cit.

24. Algumas matérias publicadas na imprensa oficial exaltavam a formação ianque de O'Grady, destacando que a influência norte-americana, sobretudo a racionalidade e o pragmatismo, beneficiariam a cidade, ver: UM ENGENHEIRO de valor. *A REPUBLICA*, Natal, 31 ago. 1924.

25. Conforme apontou em seu relatório sobre a administração de 1927: INTENDÊNCIA Municipal. Relatório apresentado à Intendência Municipal de Natal pelo Presidente Omar O'Grady, em sessão de 1º de janeiro de 1927. Natal: Imprensa Diocesana, s.d.

coloniais. O calçamento recebeu novos elementos, o paralelepípedo sobre a base de concreto era mais resistente do que a cobertura com pedras pretas e proporcionava um melhor aformoseamento da rua.²⁶ Nota-se mais uma vez a preocupação que Sennett caracterizou como própria de sociedades modernas: a ideia de circulação. O'Grady tencionou assegurar a fluidez do trânsito, facilitando o deslocamento. A velocidade era uma das características priorizadas. O denominado “coeficiente de calçamento” era utilizado para comparar o desenvolvimento de Natal com outras cidades do Brasil e do mundo.²⁷ A pavimentação e a abertura de ruas tornou-se um símbolo da modernização da cidade.

Visando sistematizar todas as mudanças estabelecidas durante sua gestão, O'Grady tencionou elaborar um plano que guiasse o desenvolvimento de Natal. A cidade crescia seja em número de habitantes, em número de automóveis ou em papel de destaque no cenário da aviação e esse crescimento, enfatizava O'Grady, deveria ser ordenado, planejado, seguindo as normas mais “modernas de prescrições do urbanismo”.²⁸ A ideia de conceber a cidade como um organismo, que deveria respirar e movimentar-se livremente, presente nos projetos de cidades desde o período iluminista do século XVIII, em virtude da revolução de Harvey, era retomada e posta em prática na capital do Rio Grande do Norte na década de 1920. O Plano de Sistematização, a ser elaborado entre 1929-1930, deveria apresentar as fases desse desenvolvimento, as normas para que o “organismo” Natal tivesse a sua “saúde” garantida.

O arquiteto contratado, Giacomo Palumbo, tinha formação na mesma instituição do professor francês Agache, na Academia de Belas Artes em Paris.²⁹ O'Grady contratou um profissional especializado com formação europeia, tendo o intuito de demonstrar que a remodelação da cidade teria influência dos considerados centros de civilização. Um enge-

26. Segundo Souza, antes da gestão de O'Grady apenas a avenida Tavares de Lira era calçada com paralelepípedos. Ver: SOUZA, Itamar de. *Nova História de Natal*. 2ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008. p.86.

27. Sobre o coeficiente de calçamento ver: O'GRADY, Omar. Os problemas da cidade. *A República*, Natal, 01 jul.1929,p.1.

28. Urbanismo natalense. *Cigarra*, Natal, ano II, n.5, 1930,p.2.

29. Palumbo foi contratado para projetar mais dois prédios em Natal, o prédio da Secretaria de Saúde Pública e o da Administração do Porto. Para mais informações sobre a formação e carreira de Palumbo ver: DANTAS, George; DANTAS, Ana Caroline; FERREIRA, Ângela Lucia. Arquitetura e urbanismo nos anos 1920 e 1930. In: FERREIRA, Ângela Lucia et.al. *Surge et ambula*. Op. cit.

nheiro com formação nos Estados Unidos e um arquiteto com formação em Paris estariam unidos no planejamento urbano da cidade. Vale ressaltar, entretanto, que os processos de transferência devem ser confrontados com momentos e espaços específicos e com as possibilidades materiais desses momentos e espaços. A constituição da disciplina urbanística no Brasil ocorreu de diferentes maneiras, em virtude das diferentes caminhos de apropriação e interpretação de modelos e ideias, que dependem das condições materiais e das trajetórias dos profissionais envolvidos.³⁰

Dessa maneira, o Plano Geral de Sistematização não foi um mero reflexo dos modelos europeus ou estadunidenses. Muitas determinações seguiam preceitos de planos já existentes, como a ideia de zoneamento usual nos Estados Unidos e a preocupação com a implementação do ideal de cidade-jardim, que esteve presente em planejamentos na França e em Londres. Entretanto, no plano elaborado entre 1929-1930 essas concepções seriam adaptadas à realidade local, aproveitando parâmetros já existentes na cidade, como o Plano da Cidade Nova, remodelado em 1904 e que seria expandido para guiar o crescimento da cidade. Palumbo deveria produzir dentro de um ano, após a assinatura do contrato em abril de 1929, uma planta geral da cidade, onde indicaria os pontos de iluminação, viação urbana, arborização, passeios, monumentos, abrigos, jardins, praças públicas, lugares para realizações de feiras, mercados, matadouros, cemitérios e outros estabelecimentos do município.

O PLANO GERAL DE SISTEMATIZAÇÃO DE NATAL

O Plano Geral elaborado pela parceria entre O'Grady e Palumbo tencionou expandir o traçado poligonal usado no planejamento do bairro Cidade Nova e usou o zoneamento como estratégia de controle do espaço urbano, dividindo a cidade em bairro comercial, residencial, jardim e operário, também projetando o porto fluvial e o aeroporto da cidade. O bairro Alecrim seria transformado em bairro operário, abrigando, portanto, os menos abastados, que construam casas na entrada da cidade e nos terrenos baldios. Ao concentrar esses indivíduos em um bairro específico, a cidade não teria seu embelezamento prejudicado. A Ribeira deveria ser o bairro comercial, o plano previa a uniformização e

30. DANTAS, George et al. A difusão do termo "cidade-jardim". In: FERREIRA, Ângela Lúcia e DANTAS, George (orgs). *Surge et Ambula*. Op. Cit., p.165.

abertura de ruas, entre outras soluções para melhorar o tráfego do bairro. A proposta de bairro jardim deveria ser concretizada na região entre o rio Potengi e o oceano Atlântico, perpassando a área da Cidade Alta e abarcando assentamentos populares como Rocas, Areial, Limpa, Canto do Mangue e Chama-maré.

A ideia de bairro jardim foi formulada inicialmente por Ebenezer Howard em 1898, a partir das observações dos problemas habitacionais do final do século XIX na Inglaterra. Howard tencionava eliminar os cortiços e os bairros industriais sem provocar o antagonismo entre grupos e proprietários, formando uma cidade a partir de um conjunto de anéis concêntricos (GIEDION, 2004, p. 805). O projeto tencionava abarcar toda a cidade, interligando-a e conferindo unidade às suas partes. George Dantas (2006) destacou que a ideia de cidade-jardim era uma proposta de caráter urbano, que preconizava a existência de um cinturão verde, a propriedade pública da terra e a participação da população na gestão dessa cidade. Adaptações desse ideal foram aplicadas em vários planos para a região metropolitana de Paris. Segundo Dantas, o bairro-jardim idealizado por Palumbo não se aproximava plenamente do ideal howardiano, estando mais próximo da adaptação que Parker fez da obra de Howard.

O arquiteto e urbanista inglês Barry Parker atuou no Brasil entre 1917 e 1919 e participou da elaboração de projetos de vários loteamentos baseados na ideia de cidade-jardim em São Paulo. Foi por meio dos projetos e dos debates de Parker que o ideal de cidade-jardim foi difundido no Brasil, mas de uma maneira bastante peculiar, que se afastava do ideal howardiano original e ressaltava a ideia de subúrbio-jardim.

A utilização do subúrbio-jardim como única variável possível revelou como esse ideário da cidade-jardim foi apropriado, passando de um projeto reformista de transformação social para um esquema ambiental de desenho urbano, restrito muitas vezes à concepção de bairro, diferente do projeto global formulado por Howard. A influência do ideal de cidade-jardim no projeto elaborado por Palumbo limitou-se à ideia de bairros-jardins, que deveriam possuir espaços verdes e privilegiar a participação da população na sua gestão. Entretanto, essa ideia de participação estava mais próxima do ideal de comissão de plano da cidade, própria do urbanismo americano, do que da ideia de autogestão pensada

por Howard. A própria noção de participação idealizada, considerou Dantas (2006), era restrita e limitou-se a exposição do plano na sede da Intendência municipal e a escassas matérias publicadas no jornal *A República* (DANTAS, 2006, p. 142).

Palumbo destacou a preocupação com a construção de grandes parques contemplando arborização apropriada em várias áreas da cidade, sobretudo no bairro-jardim.³¹ A preocupação com a arborização da cidade esteve presente desde o início do século XX em Natal, mas foi intensificada na década de 1920. Várias matérias do jornal *A República* desse período enfatizaram a importância em arborizar a cidade com vegetação adaptada ao clima, que pudesse embelezar e constituir verdadeiros “pulmões” na área urbana, fazendo com que Natal se tornasse uma “cidade-modelo no cultivo das árvores”.³² O Plano Geral concretizava esse ideal de arborização, tão utilizado nos projetos de praças e parques da Londres do século XIX e da Paris remodelada por Haussmann (GIEDION, 2004, p. 739-784).

Os edifícios públicos, segundo o plano de Palumbo, deveriam localizar-se entre a Ribeira e a Cidade Alta. Palumbo também defendia a necessidade de se fazer uma reforma no porto, que era a porta de entrada da cidade, idealizando ainda a construção de uma avenida que ligasse a borda do Potengi até a área do Passo da Pátria. Seria o *boulevard* de contorno natalense. Essa avenida deveria ser a beira rio e ter um largo passeio. Palumbo apontou necessidade de reformar o cais, ressaltando que nos próximos anos a cidade seria pouso dos hidro-aviões da Europa, África e América do Norte.

Para a região de Petrópolis e Tirol, Palumbo planejou um desenho urbano preciso, projetando amplas avenidas e canteiros centrais. O arquiteto greco-italiano também propôs a abertura de novos acessos entre os bairros da Ribeira e da Cidade Alta. O bairro-jardim era projetado como eixo central, de onde partiriam avenidas radiais ligando-o aos demais bairros da cidade. O Plano refletia, pois, o ideal de cidade da administração do período, que queria zonedar a cidade, privilegiar o livre trânsito de veículos, que seriam cada vez mais numerosos. Mas o desenvolvimento

31. A REMODELAÇÃO de Natal. Op. Cit.

32. A *REPUBLICA*, Natal, 03 jun. 1925; outras matérias também destacaram essa preocupação com a arborização da cidade: GOVERNO de acção. *A Republica*, Natal, 27 mar. 1920; TORRES, Luis. A Cidade. *A Republica*, Natal, 28 março 1926.

técnico não retiraria a beleza da urbe, que seria garantida pelas belas praças e jardins, assim como pelo belo e extenso *boulevard* de contorno, que levaria o turista desde o porto até a área central de Natal. As praças e jardins não seriam meros equipamentos estéticos, mas teriam também a sua funcionalidade, como verdadeiros “pulmões”, possibilitando que, mesmo em meio as turbulências da modernização, o cidadão pudesse respirar um ar puro e saudável.

A cidade planejada por Palumbo e pela administração de O’Grady buscava integrar os bairros, alargar as avenidas, padronizar as construções, estava cada vez mais distante da cidade de outrora, que iniciara o século XX com ruas estreitas e sinuosas, e com dois bairros que tinham a comunicação restringida por falta de acesso. A Natal da década de 1920 começava a ficar cada vez mais distante da Natal provinciana e seu futuro, como garantia o Plano Geral de Sistematização, seria ainda mais promissor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Plano Geral de Sistematização de Natal perdeu-se no tempo. Esse plano teria sido incinerado pela prefeitura, provavelmente durante uma operação na década de 1970, que visava livrar-se de todos os documentos considerados sem funcionalidade.³³ Miranda (1981) apresentou em seu livro uma pequena parte do plano que ficava exposto na sede da Intendência Municipal, referências sobre as outras partes só são possíveis por meio de matérias publicadas na imprensa no período ou pelos relatórios elaborados durante a gestão de O’Grady.³⁴

O Plano Geral não foi aplicado na íntegra, pois o movimento de 1930 implicou no afastamento de O’Grady da gestão da cidade. Entretanto, a Lei 728³⁵ de 29 de outubro de 1929 demonstrou que o Plano de Sistematização já estava sendo implantado na cidade antes de 1930, já que tal lei assegurava a venda de qualquer lote de terreno do município para a implantação do plano. O relatório do Escritório Saturnino de Brito, contratado para elaborar o Plano de Expansão de Natal em 1935,

33. Ver: PROCURA-SE o Plano Palumbo. *Diário de Natal*, Natal, 21 out. 2007.

34. Ver anexo.

35. RIO GRANDE DO NORTE. *Actos legislativos e decretos do governo (1929)*. Natal: Typ. d’A Republica, 1905.p.20.

também ressaltou a implantação de partes do Plano Geral. Por meio desses vestígios foi possível perceber que algumas reformas idealizadas para a Ribeira foram concretizadas, outras ligações entre a Cidade Alta e a Ribeira foram estabelecidas e a larga artéria projetada para circunscrever o bairro-jardim como um *boulevard* foi construída (MIRANDA, 1981, p. 59).

Embora não tenha sido implantado na íntegra, a análise do Plano Geral de Sistematização de Natal é essencial para a compreensão de um período específico do urbanismo natalense, quando a administração da cidade sistematizou as reformas realizadas durante a década de 1920 e deu andamento a um planejamento que guiaria as transformações futuras. O Plano de 1929-1930 expressou, pois, um ideal de cidade, a concretização da modernização de Natal, que continuava sendo processada de forma segregacionista. Por meio do Plano Geral também foi possível observar a relação entre o planejamento elaborado para Natal e outros planejamentos existentes no Brasil e no mundo, ressaltando as devidas traduções locais. O Plano projetado por Palumbo também teve certa repercussão nacional. Durante o *IV Congresso Panamericano de Arquitetura*, realizado na cidade do Rio de Janeiro em junho de 1930, a engenheira Carmen Portinho apresentou as determinações do plano elaborado para guiar o desenvolvimento de Natal.³⁶

Observa-se como o projeto pensado para coordenar a expansão urbana de Natal aproximava-se das ideias que Sennett destacou como sendo próprias de cidades modernas. Assim como o engenheiro e prefeito do Sena, Haussmann, organizou aspectos técnicos do planejamento urbano parisiense de uma forma sistemática, nunca antes vista em Paris, criando métodos modernos de financiamento; o também engenheiro e prefeito de Natal, O'Grady, racionalizou o planejamento da cidade de uma forma inovadora, criou a denominada taxa benefício, que ficou conhecida como imposto de calçamento, para buscar novas formas de financiar as obras que deveriam ser implantadas na cidade em conformidade com o Plano Geral.

36. Infelizmente não foi possível obter mais informações sobre a repercussão desse congresso, que é apenas citado em: DANTAS, George et al. *A difusão do termo "cidade-jardim"*. Op. cit., p. 163 e em PORTINHO, Carmen. *A remodelação de Natal. A República*, Natal, 13 jul. 1930, p.2.

O plano de 1929-1930 era baseado na ideia de zoneamento, que longe de estabelecer a autogestão idealizada por Howard em sua cidade-jardim, anunciava uma forma de segregação espacial. Os mais abastados ficariam em seus bairros estritamente residenciais, salubres, embelezados, envoltos pelos benefícios de praças e *boulevard* arborizados, que seriam espécies de pulmões dentro da cidade modernizada. Já a população menos abastada, continuaria segregada, em bairros operários, com menor salubridade e mais afastados da cidade.

A ideia de hierarquia e segregação continuava existindo no planejamento da cidade modernizada. A população menos abastada, por não poder contribuir com o imposto requisitado (a taxa de benefício), habitaria em locais pouco beneficiados com as obras públicas. O espírito howardiano de gestão comunitária jamais triunfaria em uma cidade marcada pela segregação espacial. Na Natal do início do século XX o individualismo pareceu também ter seu espaço garantido. Os pobres e doentes eram segregados em espaços distantes. O processo de implantação do Plano Geral implicaria também na remoção de casas e barracos dessa população pobre, que deveria ser relocada em um espaço próprio. O bairro operário pensado por Palumbo e O'Grady parecia, levando em consideração as devidas traduções, aproximar-se dos guetos de Nova York.

Apesar de aproveitar alinhamentos já existentes na cidade, o Plano Geral de Sistematização privilegiava o movimento, a livre circulação, a abertura de largas avenidas que resolveriam o problema de transporte na cidade. A preocupação de O'Grady esteve sempre focada para esa ideia de livre movimento, construindo calçamentos que permitiriam o livre trânsito de automóveis. Criava-se uma cidade saudável, com base na ideia de corpo saudável. A Natal pensada na década de 1920 e seu planejamento para o futuro não levou em consideração o espírito comunitário, a participação coletiva do cidadão, a "cidade, entidade social, econômica e legal crescera tanto e tornara-se de tal forma diversificada que não podia manter as pessoas juntas" (SENNETT, 1997, p. 193).

LA CIUDAD DE NATAL (RN – BRASIL) COMO CUERPO PLANEADO: EL PLAN GENERAL DE SISTEMATIZACIÓN Y EL URBANISMO DE NATAL EN EL FINAL DE LA DÉCADA DE 1920

Resumen: El objetivo de este trabajo es analizar el Plan General de Sistematización de Natal (1929-1930), desarrollado durante la administración

del alcalde Omar O'Grady. Su objetivo es investigar los patrones de urbanismo regados en Natal en 1920, además de examinar la relación entre los ideales de este movimiento y zonificación embasavam esta planificación, el diseño y el funcionamiento del cuerpo humano en vigor para ese período. Por lo tanto, las discusiones sobre los regados de Natal en 1920 se aproximará a las discusiones de Richard Sennett en su libro *Carne y piedra*. A través del diálogo con Sennett puede reflejar cómo el Plan de Sistematización representaba un intento de hacer planes para el crecimiento y la ocupación de Natal, pensando em ella mientras cuerpo planificado, saludable y libre de obstáculos.

Palabras clave: Plan General de Sistematización; Natal; cuerpo.

REFERÊNCIAS

Fontes

A CIDADE Nova. *A Republica*, Natal, 07 jan. 1902. p. 1.

A REMODELAÇÃO de Natal. *A Republica*, Natal, 24 fev. 1929. p. 1.

A REPUBLICA, Natal, 03 jun. 1925

ALECRYM, Octacilio. Retrato das cidades I. *A Republica*, Natal, 27 abr. 1929. p. 1.

CASCUDO, Luis da Câmara. Natal, outra cidade. *Cigarra*, Natal, ano II, n.5, 1929.p.15

DR. O'GRADY plans for remodelation of Natal. *The Armour Alumnus*, maio 1930.

GOVERNO de acção. *A Republica*, Natal, 27 mar. 1920

INTENDENCIA Municipal. Relatório apresentado à Intendência Municipal de Natal pelo Presidente Omar O'Grady, em sessão de 1º de janeiro de 1927. Natal: Imprensa Diocesana, s.d.

INTENDENCIA Municipal. Relatório apresentado à Intendência Municipal de Natal pelo Presidente Omar O'Grady, em sessão de 31 de dezembro de 1928. Natal: Imprensa Diocesana, s.d.

INSPECTORIA de higiene. *A Republica*, Natal, 16 dez. 1902

LIMPESA das ruas. Deve e haver. *A Republica*, Natal, 04 abr. 1902

LOROTA; Th. Noticias e commentarios. *A Republica*, Natal, 21 jan. 1905. p. 2

MENSAGEM, 1910. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u729/000034.html>>. Acesso em: 02/07/2012.

O COMMERCIO de Liverpool. *A Republica*, Natal, 22 mar. 1905. p. 2

O DR. OMAR O'Grady, prefeito da cidade, leu hontem o seu relatorio. *A Republica*, Natal, 30 abr. 1930.

- O QUE VAI pelo mundo. *A Republica*, Natal, 05 jan. 1905. p. 2
- O'GRADY, Omar. Os problemas da cidade. *A Republica*, Natal, 01 jul.1929.p.1.
- O'GRADY, Omar. Relatório apresentado à Intendência municipal de Natal, em 30 de janeiro de 1930. Natal: Imprensa Oficial, 1930.
- PROCURA-SE o Plano Palumbo. *Diário de Natal*, Natal, 21 out. 2007.
- RIO GRANDE DO NORTE. Actos legislativos e decretos do governo (1929). Natal: Typ. d'A Republica, 1905.p.20.
- TELEGRAMAS especiais. *A Republica*, Natal, 23 fev. 1905. p. 1.
- TORRES, Luis. A Cidade. *A Republica*, Natal, 28 mar. 1926.
- UM ENGENHEIRO de valor. *A REPUBLICA*, Natal, 31 ago. 1924.
- URBANISMO natalense. *Cigarra*, Natal, ano II, n.5, 1930.

Bibliografia

- ARENDRT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.526.
- ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenуска; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal, RN: EDUFRN. 2008.
- BERMAN, Marshall. Na floresta dos símbolos: algumas notas sobre o modernismo em Nova York. In: _____. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CASTRICIANO, Henrique. Teoria organica da sociedade. In: José Geraldo de Albuquerque (Org). *Seletas: textos e poesia*.Natal, 1994.
- CORREA, Telma de Barros; GUNN, Philip. O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade. In: BRESCIANI, Maria Stella (org.). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
- DANTAS, Ana Caroline; FERREIRA, Ângela Lucia. Arquitetura e urbanismo nos anos 1920 e 1930. In: FERREIRA, Ângela Lucia et.al. *Surge et Ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*.Natal: Editora da UFRN, 2006.
- DANTAS, George. Surge et ambula: “crise” urbana em Natal na virada para a década de 1920. In: _____. *Linhas convulsas e tortuosas retificações: transformações urbanas em natal nos anos 1920*. Dissertação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP. São Carlos/SP, 2003.
- DANTAS, George et al. A difusão do termo “cidade-jardim”. In: FERREIRA, Ângela Lúcia e DANTAS, George (orgs). *Surge et Ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*.Natal: Editora da UFRN, 2006.

EDUARDO, Anna Rachel; FERREIRA, Ângela Lúcia. As topografias médicas no Brasil no início do século XX. In: FERREIRA, Ângela Lúcia e DANTAS, George (orgs). *Surge et Ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*. Natal: Editora da UFRN, 2006.

FAORO, Raymundo. A questão nacional: a modernização. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 6, n. 14, Apr. 1992. Disponível em < <http://ref.scielo.org/c5vjby> >. Acesso em 04 jul. 2012.

FERREIRA, Ângela Lúcia; et al. Dos tratados médicos à engenharia sanitária: o princípio higienista. In: _____. *Uma cidade sã e bela: a trajetória do saneamento de Natal, 1850 a 1969*. Natal:IAB/CREA/RN, 2008.

GIEDION, Sigfried. O planejamento urbano no século XX. In: _____. Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LIMA, Pedro de. *Natal século XX: do urbanismo ao planejamento urbano*. Natal: EDUFRN, 2001.

MIRANDA, João Maurício F. de. *380 anos de história foto-gráfica de Natal, 1599-1979*. Natal: EDUFRN, 1981.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Transferências, empréstimos e traduções na formação do urbanismo no Brasil. In.:PECHMAN, Robert; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (orgs.). *Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SANTANA, Fabio Tadeu de Macedo; SOARES, Marcus Rosa. *Reformas passas: cem anos de uma intervenção excludente*. Anais do 12 Encontro de geógrafos de América Latina – Caminando en una América Latina en transformación. Montevideú, 2009.

SANTOS, Renato Marinho Brandão. Novos Rumos: reformulações no poder municipal para a criação de uma outra cidade. In: _____. *O papel da Intendência municipal no desenvolvimento de uma nova ordem urbana (1904-1929)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.

SENNETT, Richard. Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SILVA, Luís Octávio da. História urbana: uma revisão da literatura epistemológica em inglês. *EURE (Santiago)*- Revista latino-americana de estudios urbano regionales, Santiago, v. XXVIII, n.83, 2002. p.38.

SOUZA, Itamar de. *Nova História de Natal*. 2ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008.

YI- FU Tuan. Corpo, relações pessoais e valores espaciais. In.: _____. *Espaço e Lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

SOBRE A AUTORA

Gabriela Fernandes de Siqueira é mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Recebido em 11/10/12.

Aceito em 14/12/12.

Anexos

Anexo I - Tabela demonstrando as intervenções higienistas em Natal entre 1850-1935.

Momento	Categoria	Caracterização	Medidas	Instituições criadas e profissionais contratados
De 1850 a 1899	Médicos	Início das epidemias na cidade; O Estado promove a construção de equipamentos de assistência à saúde coletiva e medidas pontuais na área urbana (Cidade Alta e Ribeira);	Construção do Cemitério do Alecrim (1856); instalação do Hospital da Caridade na Cidade Alta (1856); instalação do Lazareto da Piedade para Isolamento de coléricos (1882); Contrato do serviço d'água encanada por parte da Câmara Municipal (1882); retirada de salgadeiras situadas no perímetro da cidade (1895); medidas do médico Segundo Wanderley (1896): -remoção do matadouro público; a mudança do lazareto para fora do limite da cidade; arrasamento da fonte pública do Baldo; aumento da capacidade do aqueduto para desvio de águas acumuladas na campina da Ribeira;	Joaquim Inácio Pereira- obra de aterro do Rio Salgado (1846 Res. Nº140); Eng. João Nunes de Campos – primeiro diretor de Obras Públicas da província (1858); Filipe Leinhardt (1882) – abastecimento d'água; Inspetoria de Higiene Pública (1892).
De 1900 a 1919	Médicos	Epidemias constantes na cidade (primeira década) Continuidade das medidas de construção de equipamentos assistenciais à saúde coletiva; Obras de aterro e nivelamento de espaços situados na área central da cidade;	Cidade Nova (1901-1904); Saneamento do Baldo (1905); Jardim Parque Augusto Severo (1905); Hospital Juvino Barreto (1909); Asilo de Mendicidade (1912); Asilo São João de Deus (1912); Isolamento São Roque- variolosos (1912); Praça Sete de Setembro (1913-1914); Praça Leão XIII (1919); Afastamento da área urbana de equipamentos considerados insalubres; fiscalização e normalização das edificações; proibição do escoamento de águas servidas para as praças, ruas e becos (déc. 1910).	Antonio Polidrelli (1904); Empresa de Melhoramentos de Natal (1908-1912); Diretoria de Terras Viação e Obras Públicas (déc. 1910-1920).
De 1920 a 1935	Engenheiros	Insalubridade urbana crescente determina as intervenções; Início da sistematização de ações higienistas de forma global e preventiva; Elaboração de um projeto de abastecimento d'água e rede de esgoto para a cidade;	Normalização das edificações (déc. 20); Topografia médica (1920); instituição das fossas sépticas (1924); higienização das galerias de esgotos nas áreas centrais (1924); estudo de melhoramentos materiais para a cidade (1924); levantamento das fontes de abastecimento d'água, pelo engenheiro Henrique de Novaes (1924); reconhecimento do nível do bairro da Ribeira, necessário ao processo de calçamento do sistema viário – Omar O'Grady (1925); análises geofísicas sobre o nível do subsolo natalense em água potável – O'Grady (1925); anteprojeto da rede de esgotos-Saturnino de Brito (1935).	Médico Januário Cicco – Topografia médica (1920); Diretoria Geral de Higiene e Saúde Pública (1921); Comissão de Saneamento de Natal – (1924 e 1935); Eng. Henrique de Novaes Comissão de Saneamento de Natal (1924); Francisco Cardozo – coleta de lixo (1924); Diretoria do Patrimônio Municipal (1924); Arquiteto Giacomo Palumbo – Plano de Sistematização (1929); Engenheiro Otávio Tavares – proposta de abastecimento d'água (1933); Escritório de Engenharia Sanitária Saturnino de Brito – esgotamento sanitário e abastecimento d'água para a cidade (1935).

Fonte: retirada de: FERREIRA, Ângela Lúcia; et al. Dos tratados médicos à engenharia sanitária: o princípio higienista. In:..... *Uma cidade sã e bela: a trajetória do saneamento de Natal, 1850 a 1969*. Natal:IAB/CREA/RN, 2008. P.122-123

Anexo II - Imagem demonstrando o processo de calçamento em andamento na Avenida Sachet.



Fonte: INTENDENCIA Municipal. Relatório apresentado à Intendência Municipal de Natal pelo Presidente Omar O'Grady, em sessão de 31 de dezembro de 1928. Natal: Imprensa Diocesana, s.d.

Anexo III- Matéria publicada na Revista Cigarra apresentando fotografias do prefeito O'Grady e do arquiteto Giacomo Palumbo

CIGARRA

NATAL, OUTRA CIDADE!
L. da C. C.



Engenheiro Oscar O'Grady, prefeito de Natal

A primeira prunha que A CIGARRA publica como sua homenagem aos sócios de uma nova Natal é apenas uma parte do "master plan" onde a terra de Jeronymo de Albuquerque se desdobrará numa perspectiva de beleza racional. Já de agora se poderá ver o "futuro". O bairro baixo com suas ruas paralelas ao rio e as perpendiculares ca-lindo em ângulos rectos annu-nciadores de assolo esthetico. Nada de arrazamento e de destruição. O material aproveitado é vusto. As ruas conservam a localisação antiga. A mão moderna rectificou para melhor onde se semeia á esmo. Adivinha-se, depois das linhas, o abraço tornejante da grande avenida de contorno.

Até ahí inda não surge "urbaniflcação" no sentido de crear e dispôr. A mentalidade que presidiu ao "master plan" foi cohe-rente e logica, attendendo aos factores economicos. Há apenas, uma systematizaçáo das massas urbanas. Aproveita-se o maximo, conservando as caracteristicas da Cidade de trezentos annos foltois.

A parte que interessa as cre-anças inda não vimos. Seráo os

parques, as aleas sombreadas. Creio firmemente que se pen-sou no clima quando o lapis foi tracando as ruas do quin-ze e vinte metros de largo. Uma urborizaçáo densa em Natal é tão necessaria e expontane-amente esthetica como a via contornante que cingirá a cida-de dos Reis. O "master plan" inda não possui, graças a Deus, o criterio unilaterial de precotizar o que ha de vir. Deixa ensan-chas para esperar o gosto da época, mutavel e plasticu. Uma systematizaçáo difere duma "toilet" feminina. Feita, é para qual toda uma existencia. E a existencia duma cidade é de seculos.

A reduçáo moderna de "mas-ter plan" sofrerá o embate natu-ral dos preconceitos e das opinioes pessones. Mas é pre-ciso pensar na cidade quando

O LAGO E A FLOR

DE JOÃO MARIA FURTADO

*À margem do verde do lago,
Nas pedras claras, multicores,
Um azul verde se melina,
Reflexando, como um sorriso, uma flor.*

*O vento sopra. A brisa agulpa
Desvenciladamente revolventes...
E a flor beija, de instante a instante,
Rumorada,
Aquella imagem...*

*Aquella imagem de um profundo,
Mysterio,
De vulto lentamente,
No fundo daçes tranquilla...*

*Mas passa o tempo e o lago descê
E se viu,
Como tuda se vidi, sem amor...
Passa vinda, tristemente,
Né margem triste, a pobre flor...*

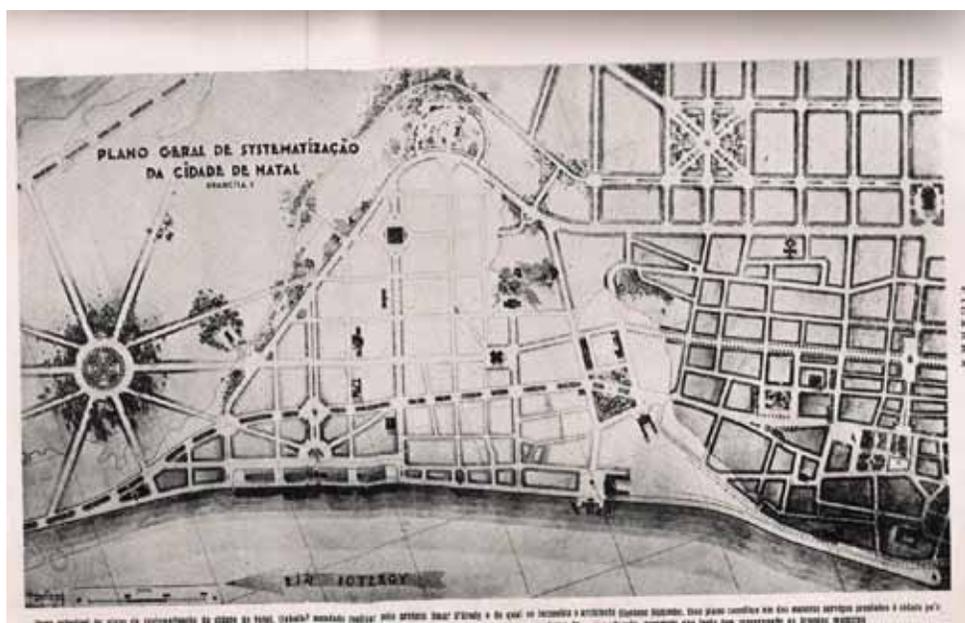
*Aquella imagem era, na vida,
A sua gloria, o seu amor...*

*Né crevidade de um sorriso,
Né sonho inventado dor,
Nunca me engano a não me iludo:
— Tu fide o lago, tu fide a flor.*



Arquiteto Giacomo Palumbo, que traçou o plano de systematizaçáo da cidade

Anexo IV – Parte do Plano Geral de Sistematização publicado pela *Revista Cigarra*.



Fonte: *Cigarra*, Natal, ano II, n.5, 1930.p.53.